

Ensaaios sobre a Gita

(trechos)

Sri Aurobindo

[...] Esse conhecimento do qual a Gita fala não é uma atividade intelectual da mente; é um crescimento luminoso ao mais alto estado de ser, graças ao resplandecer da luz do divino sol da Verdade, “essa Verdade, o Sol que jaz escondido na escuridão” de nossa ignorância, da qual o Rig Veda fala, *tat satyam suryam tamasi ksiyantam*.

[...] Mas o conhecimento vem àquele que o busca com persistência e ele remove a autoignorância natural; ele resplandece como um sol escondido por muito tempo e, à nossa visão, traz à luz esse ser essencial e supremo, para além das dualidades dessa existência inferior, *adityavat prakasayati tat param*. Por um longo esforço fervoroso, dirigindo todo nosso ser consciente em direção a isso,

fazendo disso todo nosso objetivo, todo o objetivo de nossa mente de discernimento e, assim, vendo-o não apenas em nós mesmos mas em todo lugar, tornamo-nos um só pensamento e um só self com isso, *tad-buddhayas tad-ātmanah*, somos lavados de toda obscuridade e de todo sofrimento do homem inferior pelas águas do conhecimento¹, *jñāna-nirdhuta-kalmasah*.

¹ O Rigveda fala assim das correntes da Verdade, das águas que têm conhecimento perfeito, das águas cheias da divina luz solar, *ṛtasya dharah, apo vicetasah, svarvatīr apah*. O que são metáforas aqui, no Rigveda são símbolos concretos. (Ensaio sobre a Gita – I. 20)

[...] É sempre nesse sentido de um supremo autoconhecimento que a palavra *jñāna* é usada na filosofia indiana e no ioga, essa é a luz mediante a qual nos tornamos nosso ser verdadeiro; esse não é o conhecimento pelo qual aumentamos nossa informação e nossa riqueza intelectual; não se trata de um conhecimento científico ou psicológico ou filosófico ou ético ou mundano ou prático.

Esses também, sem dúvida, nos ajudam a crescer, mas no tornar-se, não no ser; eles entram na definição do conhecimento ióguico somente quando os usamos como ajuda para conhecer o Supremo, o Self, o Divino: o conhecimento científico, quando conseguimos passar através do véu dos processos e dos fenômenos e ver por trás a Realidade única, que explica todos eles;

o conhecimento psicológico, quando o usamos para conhecer a nós mesmos e para distinguir o inferior do superior, de modo que possamos renunciar ao inferior e crescer no superior; o conhecimento filosófico, quando o dirigimos como uma luz sobre os princípios essenciais da existência, a fim de descobrir o que é eterno e aí viver; o conhecimento ético, quando, por meio dele, distinguimos entre pecado e virtude e eliminamos um e nos elevamos acima da outra, na pura inocência da Natureza divina;

o conhecimento estético, quando descobrimos, por meio dele, a beleza do Divino; o conhecimento do mundo, quando vemos, por meio dele, o modo do Senhor com suas criaturas e o empregamos para o serviço do Divino no ser humano. Mesmo assim, isso são apenas ajudas; o conhecimento real é aquele que é um segredo para a mente, do qual a mente obtém apenas reflexos, mas que vive no espírito.

A Prece do Vedântico

(poema anterior a 1914)

Sri Aurobindo

Espírito supremo

que ponderas no silêncio do coração,
eterno lampejo,

Tu, somente, És!

Ah, por que estou velado com essa obscuridade,
minha parte ensolarada

Assaltada pelas nuvens?

Por que estou assim desfigurado pelo desejo,
distráido, arrastado,

Chamuscado pelo fogo

de paixões caprichosas, empurrado para fora de tua paz
no turbilhão

De cada rajada de vento?

Abandonado à dor, tomado pelo desalento,
surpreendido pela luxúria?

Não deixes meu cinzento

passado de sangue coagulado repelir tua
compaixão soberana,
nem mesmo retardá-la,

Ó Verdade única!

Nem deixes os deuses capciosos que te
arremedam ainda

iludir minha juventude.

Acalma esses clamores;

pois eu gostaria de ouvir a voz eterna e conhecer

A eterna Vontade.

Este espetáculo brilhante

que atravanca a soleira da eternidade

dissipa-o, – concede

O olhar límpido,

o coração rejuvenescido e claro. Repreende,
Ó Senhor,

essas esperanças que bradam

Tão ensurdecadoras,
remove meus séculos manchados, restabelece
minha pureza.

Ó porta escondida
do Conhecimento, abre-te! Força, realiza-te!
Amor, derrama-te!

A Vida Divina

Livro Dois, Primeira Parte – Capítulo I (continuação)
Indeterminados, Determinações Cósmicas e o Indeterminável

Resumo da leitura anterior:

- Uma primeira explicação seria um Acaso que organiza a si mesmo ... uma Força inconsciente e inconstante que age a esmo ... sem princípio determinante – determinações aparecem como resultado de repetições permanentes.
- Isso implica que haveria, então, na origem das coisas, uma Possibilidade sem limites ou uma matriz de possibilidades inumeráveis ...

- Porém, a chance não pode ser aceita, pois na base das possibilidades há uma insistência implacável na necessidade de ordem, de uma lei.
- Uma segunda explicação seria uma necessidade mecânica nas coisas, mas ela não elucidada o jogo livre das variações infinitas e inexplicáveis visíveis na evolução. Não explica o emergir da Consciência a partir do Inconsciente.

- Outra explicação seria que uma Mente, uma Vontade parece ter imaginado e organizado o Universo, mas ocultou-se por trás de sua criação. Um véu foi formado por uma Energia inconsciente e uma forma material de substância. ...
- Tudo o que vemos ao redor são então, o pensamento de uma Divindade extracósmica ... um ser que é responsável pelas leis matemáticas de um universo físico, sua arte e beleza, etc. ...

- O cosmos é vazio de Sua presença: ela é invisível, uma mente e sentidos não podem descobri-la – os sinais externos bastariam para confirmar sua existência,
- Mesmo se esse criador fosse também imanente em suas obras – isso não explicaria a natureza arbitrária da criação, nem sua lei de ignorância, luta e sofrimento desnecessários. ...

- Podemos supor que uma Consciência secreta involuída, cósmica, infinita, constrói, mediante a ação de uma Energia frontal e por meio da evolução, uma criação a partir de si mesma no finito sem limites do universo material.
- Uma aparente inconsciência da Energia material seria uma condição indispensável à estrutura da substância do mundo material na qual essa Consciência pretende involuir-se a fim de poder crescer ...

- Uma tal criação deve ser a manifestação, em um disfarce material, de verdades ou poderes de seu próprio ser: as formas ou veículos dessas verdades ou poderes seriam os determinados de base, gerais ou fundamentais, que vemos na Natureza.
- O princípio segundo o qual as verdades, os poderes reais do Infinito, devem obrigatoriamente cumprir-se, seria a explicação do aspecto dessa Necessidade mecânica que vemos (em aparência), na Natureza.

